



GUIA PARA PROFISSIONAIS
DE EDUCAÇÃO SOBRE
DIVERSIDADE DE EXPRESSÕES
DE GÊNERO NA INFÂNCIA

*

GUIA PARA PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO SOBRE DIVERSIDADE DE EXPRESSÕES DE GÊNERO NA INFÂNCIA

Este guia pretende ser um apoio a profissionais de educação pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico sobre diversidade de género na infância. Apresenta algumas ideias e reflexões em torno deste tema e disponibiliza recursos que podem ser utilizados pelas escolas.

Não pretende, porém, substituir-se ao apoio especializado e personalizado que se mostre necessário, ou adequado, constituindo-se apenas como um documento orientador, fundado na reflexão, experiência e estudo desta temática.

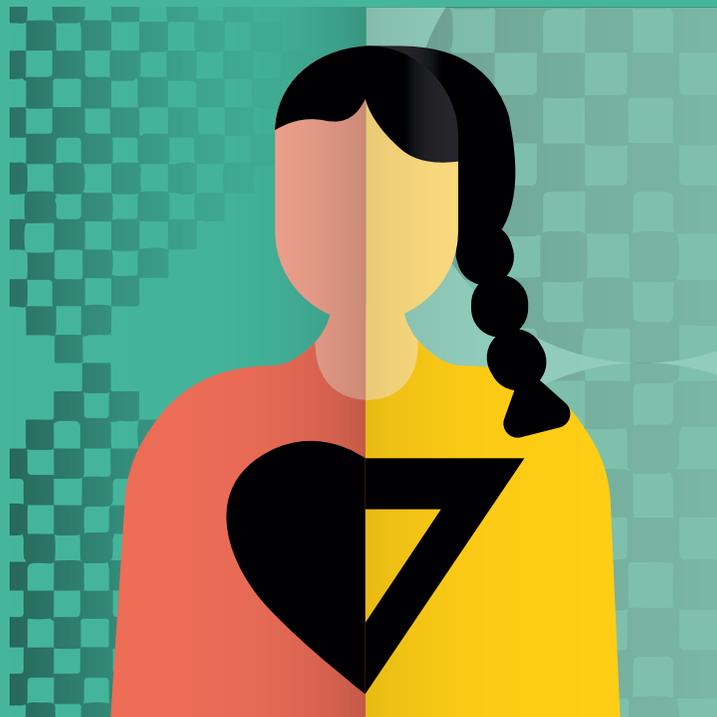
Políticas escolares que não respeitem a diversidade de expressões de género, atentando contra a liberdade individual ao fixarem visões estereotipadas de género, têm um impacto negativo em toda a comunidade escolar.

Os contextos de diversidade em termos de expressão de género das crianças colocam enormes desafios às práticas educativas e propiciam oportunidades para a construção de comunidades escolares em que o respeito por todas as pessoas seja uma regra e não uma exceção.

Procuramos com este guia contribuir para a construção de escolas seguras, inclusivas e que fomentem o respeito pela diversidade.

1

TODAS AS CRIANÇAS SÃO ÚNICAS ATÉ NA SUA VIVÊNCIA E EXPRESSÃO DE GÊNERO



Por vezes as crianças têm comportamentos e atitudes inesperados, que não correspondem aos papéis que normalmente se atribuem ao seu sexo (masculino ou feminino). Por exemplo, meninos que gostam de vestidos, de maquilhagem e de brincar com bonecas, brinquedos considerados “femininos”, e meninas que exprimem o seu desejo de ser super-heróis e têm interesse em brinquedos considerados “masculinos”.

Apesar de o conhecimento sobre a temática de género ser hoje mais acessível, estas situações podem gerar preocupação em profissionais de educação que não compreendem as expressões diversas das crianças que acompanham ou com quem convivem regularmente em contexto escolar.

2

A DIVERSIDADE DE GÉNERO PODE GERAR DESCONFORTO?



Geralmente, a sociedade espera que indivíduos do sexo masculino se expressem de forma dita “masculina” e os do sexo feminino de forma dita “feminina”, concebendo essas expressões como “naturais”. Por exemplo, assumem que, desde o seu nascimento, as mulheres são mais sensíveis e cuidadoras e os homens são mais agressivos e competitivos.

Contudo, uma grande parte destas associações são desenvolvidas a partir de preconceitos sociais e culturais da sociedade em que se inserem. A prova disso é o facto de os papéis de mulheres e homens variarem de cultura para cultura. Noutros lugares do mundo e até mesmo na nossa sociedade noutras épocas, homens e mulheres nem sempre expressaram e desempenharam os papéis sociais que hoje expressam e desempenham. Se pensarmos que nos nossos dias já muitos homens têm profissões relacionadas com o cuidar, noutros tempos associadas ao universo feminino, como é caso dos educadores de infância, ou que existem equipas profissionais de futebol feminino, podemos verificar que algumas diferenças conferidas aos papéis de género masculino e feminino são sobretudo culturais.

A expressão do género masculino ou do género feminino depende em grande parte da educação que se recebe, do ambiente onde se cresce e da sociedade na qual se está inserido.

O problema é que tradicionalmente achamos que as expressões e papéis de género estão determinados apenas pelo sexo biológico e, por isso, quando uma pessoa age de uma forma diferente, há quem considere que não é normal e sinta que deve haver algum problema associado. Tudo isto se agrava quando falamos de crianças que demonstram, de forma mais contínua, essas expressões de ser menino ou menina que não são esperadas socialmente.

Quando falamos em género, falamos de uma aprendizagem em grande parte inconsciente. Ou seja, aprendemos a comportar-nos de acordo com o que se convencionou serem comportamentos de homens e mulheres a partir do que vemos à nossa volta. A infância é por isso uma fase de aprendizagem de papéis de género.

As expressões de género na infância não são taxativamente só masculinas ou só femininas. Algumas crianças não se enquadram naquilo que lhes está social e culturalmente reservado apenas por serem meninos ou meninas. Há rapazes que gostam tanto de atividades ditas “masculinas” como de brincar com bonecas. Também não é óbvia a sua identificação pessoal com um ou com o outro género. Algumas crianças, quando confrontadas com a questão do género, não sabem responder com qual se identificam. Enquanto umas afirmam identificar-se com um dos géneros (nem sempre coincidente com o sexo atribuído à nascença), outras referem depender da situação (nuns dias identificam-se mais com o género masculino enquanto noutros se identificam com o feminino), havendo ainda as que afirmam não se sentirem nem de um género nem do outro.

As crianças que experimentam esta variação de género fazem-no enquanto parte da construção da sua própria identidade ou simplesmente por exploração. Chamamos a estes modos alternativos de expressão de género “diversidade de género na infância”, precisamente para salientar que não existem apenas dois modos opostos, mutuamente exclusivos e padronizados, pelos quais as crianças se podem identificar e expressar em termos de género.

3

O PAPEL DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO



Quando se confrontam com estas expressões de diversidade de género, há profissionais de educação que as podem considerar “erradas”, o que pode levar a sentirem-se responsáveis por corrigir as expressões de género destas crianças, afastando-as desses brinquedos ou dessas atividades, e até mesmo a alertar as famílias.

Esta é provavelmente a primeira forma de discriminação de que estas crianças são vítimas. A reação destas crianças será muitas vezes de retração. Será, também, a primeira tomada de consciência da sua situação diferente da norma instituída, o primeiro sentimento de exclusão.

Talvez ajude pensarmos em masculino e feminino não como polos opostos, mas como tendo entre si uma linha, um *continuum* de possibilidades e experiências, que vai **do estereótipo masculino ao estereótipo feminino**.

UMA COISA DE CADA VEZ

Em primeiro lugar, a diversidade de género manifesta-se naturalmente na infância, sendo que as crianças que a exprimem não têm transtornos psicológicos, nem desajustes biológicos. Se estivessem sós numa ilha deserta, provavelmente não teriam qualquer problema. O problema está no que as outras pessoas pensam sobre este tipo de comportamentos, ou seja, nos preconceitos sociais associados a estas vivências.

Em segundo lugar, não se deve atribuir qualquer responsabilidade à família (em particular aos pais e às mães), dado que não há nestas manifestações nada de negativo. Negativo será reprimir ou castigar estas expressões de género diversas, porque ao fazê-lo prejudicam a autoestima e a construção da personalidade, pondo em causa o bem-estar e a saúde mental das próprias crianças. Assim, os e as profissionais de educação devem incentivar pais, mães e pessoas próximas a escutarem e apoiarem estas crianças.

O fundamental será então capacitar quem se relaciona com elas (no caso da escola essa informação deverá envolver toda a comunidade escolar), ajudando a compreendê-las, em vez de tentar que sejam as crianças a mudar os seus comportamentos.

Em relação ao sentimento de *diferença*, será interessante refletir a esse respeito. Por vezes, os e as profissionais de educação acham que um dado menino é *diferente* porque gosta de brincar com maquilhagem e vestidos, quando os meninos da mesma idade não brincam dessa forma. Mas não pensam que talvez os outros meninos não tenham tido a oportunidade de o fazer, porque os pais os reprimiram, ou porque alguém da sua esfera pessoal lhes disse demasiadas vezes que tais brinquedos “são de menina”. Se as crianças escolhessem os seus próprios brinquedos, sem pressões (publicidade, mensagens dirigidas a determinado género, estereótipos), o resultado seria certamente surpreendente.

Existem muitas atividades que a maior parte das crianças não pratica e que ninguém acha estranho quando apenas algumas crianças o fazem.

Por exemplo, nem todas as crianças gostam de olhar para as estrelas e saber a sua posição no céu. Alguém acha *diferentes* as crianças que o fazem? Não, porque estas atividades são *neutras* do ponto de vista de género, e não induzem que se questionem os estereótipos de género que moldam, preocupantemente, os comportamentos sociais.

IDENTIDADE DE GÉNERO, EXPRESSÃO DE GÉNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL SÃO REALIDADES DIFERENTES

É importante esclarecer que expressões de género diversas não determinam a orientação sexual. Há homens *gay* que na sua infância nunca tiveram brincadeiras ditas “femininas” e há homens heterossexuais que gostaram dessas brincadeiras. O mesmo para as mulheres lésbicas e heterossexuais. Há mulheres lésbicas que na infância nunca se expressaram de forma dita “masculina” e mulheres heterossexuais que em pequenas preferiram as brincadeiras dos rapazes. Aliás, a ideia de que os rapazes mais femininos um dia serão homens *gay*, e as raparigas mais masculinas mulheres lésbicas está baseada no estereótipo e preconceito homofóbico e não na realidade.

O mesmo se passa em relação à transexualidade. O facto de uma criança se comportar ou se identificar com uma expressão de género diferente da socialmente esperada não significa que um dia queira transitar para o género “oposto”. É possível que um menino se sinta feminino em algumas situações ou momentos da sua vida, mas isso não quer dizer que não se sinta um rapaz. O mesmo se passa com as meninas.

As pessoas com responsabilidade no setor da educação deverão por isso estar atentas, observar e ouvir as suas crianças, ser capazes de distinguir, ou ir compreendendo se a expressão de género é experiencial ou identitária, para melhor corresponder às suas necessidades e anseios.

4

ALGUNS ELEMENTOS CHAVE PARA ACOMPANHAR AS CRIANÇAS EM AMBIENTE ESCOLAR



Na maior parte destas situações, o receio e a incompreensão estão mais presentes nos e nas profissionais de educação do que nas próprias crianças. No seu mundo de jogos e diversões, elas não sentem que estão a fazer algo de errado. Mas os medos e preocupações dos adultos quanto às consequências que podem advir de se transgredir as normas de género levam-nos a reagir de forma negativa, transmitindo essa insegurança às crianças. Uma insegurança que é dos adultos e não das crianças.

O PAPEL DA ESCOLA

Antes de mais, é imperativo refletir sobre até que ponto o ambiente escolar está marcado por estereótipos de género que podem levar a criança a sentir-se diferente, ou mesmo excluída, nas suas expressões de género diversas, ou compelida a adotar formas de expressão com as quais não se identifica.

Escolas com uma orientação de género neutra, ou seja, escolas em que todos os detalhes são tomados em consideração de forma a não refletirem estereótipos de género (quer no que se refere às cores dos bibes, aos brinquedos, à possibilidade de escolha de atividades, etc.), constituem ambientes seguros para as crianças com expressões de género diversas. São também ambientes formativos no sentido da inclusão e da livre expressão da pessoa, logo constituem-se como comunidades de valores e de respeito, não só em relação à população infantil mas em relação a todas as pessoas que nelas participam.

NO PRÉ-ESCOLAR

Serão de evitar “cantinhas” marcados por estereótipos de gênero, tão comuns no pré-escolar. Ou seja, o cantinho das bonecas e de toda uma parafernália de objetos relacionados com trabalho doméstico ser designado como “cantinho das meninas” – e para elas direcionado – e o cantinho dos carrinhos, construções e de tudo o que normalmente se associa ao estereótipo masculino ser designado “cantinho dos meninos”.

O mesmo no que se refere a recreios. A separação de espaços para brincar deverá ser uma escolha e não uma imposição. Espontaneamente as crianças podem ter afinidades com atividades conotadas com determinado gênero nas suas brincadeiras, mas esta separação não deverá ser incentivada pela escola. A inclusão de crianças do “outro” gênero, nas brincadeiras tipicamente mais procuradas por um dos gêneros, não deve ser lida por profissionais de educação como transgressora mas como uma oportunidade de experimentar que introduz diversidade criativa na infância.

Muitas vezes a diversidade de gênero não se manifesta tanto na escolha de brincadeiras mas tão-só em formas de vestir e fantasias de faz-de-conta.

A escola pode ter um papel importante na naturalização dessas expressões conferindo-lhes visibilidade, tornando o dia-a-dia das crianças mais autêntico e mais seguro. Deixe que seja a criança a mostrar-lhe as suas preferências. Se ela escolher um nome para se apresentar, utilize-o, mesmo que lhe pareça desconforme com o seu gênero. Perguntar como as crianças querem ser identificadas, levará a obter melhores resultados. Usar os termos escolhidos e corresponder às fantasias de cada criança, sem julgamento, pode fazer toda a diferença.

A escola deverá abordar a famílias ou pessoas próximas por forma a entender o seu modo de agir e acertar formas de conduta.

ENVOLVER A COMUNIDADE ESCOLAR

Como foi referido acima, é importante envolver toda a comunidade escolar. É provável que alguns elementos desta comunidade não compreendam o que se passa ou possam estranhar, mas é precisamente por isso que é necessário falar com naturalidade e de forma positiva, valorizando a diversidade em vez da normatividade. Tal irá permitir que toda a comunidade escolar não só participe, como

possa ter um papel ativo.

Será importante informar/formar todos os elementos da comunidade sobre como devem atuar para evitar que a criança seja alvo de qualquer discriminação e deixar claro que o ambiente onde a criança se insere se deve pautar pelo respeito e pela aceitação da sua personalidade e das suas variadas expressões.

Deve ser incentivada, e mesmo premiada, a atitude inclusiva das outras crianças. Muito pequenas, as crianças refletem o preconceito das suas famílias e do seu ambiente social. Essas atitudes são por elas encaradas como “naturais”. A comunidade escolar, através de um posicionamento coerente e consistente, poderá ter um papel fundamental na formação destas crianças, com repercussões nas suas famílias.

TRABALHAR COM AS FAMÍLIAS

Uma das preocupações de algumas famílias de crianças com expressões de gênero diversas prende-se com a sua integração no ambiente escolar. Preocupam-se que estas sejam alvo de alguma normalização corretiva. Sentem-se confrontadas com o seguinte dilema: devem deixar que as crianças se expressem como desejam – o que irá reforçar a sua autoestima e segurança identitária – ou devem corrigir essas manifestações para evitar que na escola sejam vítimas de discriminação ou *bullying*? É natural que as famílias adotem a primeira postura, tomem a iniciativa de contactar profissionais de educação mais diretamente responsáveis pelos seus filhos ou filhas no sentido de garantir que estes não sejam por eles, ou elas, contrariados. Um dilema parecido pode ser sentido por profissionais de educação: devem deixar que as crianças se expressem como desejam – o que irá reforçar a sua autoestima e segurança identitária – ou devem corrigir essas manifestações para evitar reações adversas no ambiente familiar? Ou seja, algumas escolas que adotam uma atitude integralmente inclusiva receiam que esta não tenha continuidade na família.

Uma função importante que a escola deve desempenhar é trabalhar e articular com as famílias. Pode ser positivo falar com os adultos da família sobre as escolhas e expressões destas crianças, para que as tenham em consideração e lhes seja dada a mesma importância e o mesmo espaço na escola e no ambiente familiar.

ACEITAR SIGNIFICA INTEGRAR

Tal como acontece com algumas famílias, há profissionais de educação que dizem aceitar completamente as crianças com expressões de género diversas, deixando-as, no entanto, com a total responsabilidade de lidar com a situação e de ser alvo de discriminação por parte de outras crianças ou por outros elementos da comunidade escolar. Esta atitude de “deixa andar” consubstancia-se num certo silenciamento do tema. Esta posição não demonstra aceitação mas alheamento e até negação. É importante falar e comunicar com as crianças, perguntar-lhes como se sentem, e falar com as outras crianças que possam ter atitudes discriminatórias.

Comentários depreciativos na sala de aula e provocações e ameaças infligidas a crianças que se expressam de forma diversa, assim como políticas que impedem as crianças de aderir a atividades ou utilizar instalações, baseadas em estereótipos de género, têm um impacto negativo muito real sobre essas crianças mas, igualmente, sobre toda a comunidade escolar.

A solução não pode ser ignorar. Não nos podemos esquecer que é na infância que a discriminação é vivida de forma mais dolorosa. O silenciamento retira às crianças a possibilidade de ouvir das pessoas mais próximas incentivos para que possam desenvolver plenamente a sua personalidade criativa e construtiva. Retira também às crianças o apoio necessário para se defenderem e afirmarem.

NO PRÉ-ESCOLAR E 1º CICLO DE ENSINO BÁSICO

Quando as crianças não se sentem seguras nas escolas têm maiores dificuldades de aprendizagem. É imperativo que a comunidade escolar impeça comportamentos discriminatórios e que atue persistente e consistentemente, sempre que aconteçam e em qualquer contexto.

O QUE DEVE FAZER PARA IMPEDIR SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO?

- Explique às crianças que elas não são culpadas da discriminação de que são alvo.
- Intervenha imediatamente quando ouvir chamar nomes, ou presenciar situações discriminatórias de qualquer tipo.
- Tome notas sobre a situação (onde e quando acontece) se se tornar um problema recorrente.
- Enfatize a necessidade de existirem comportamentos modelares na sala de aula e trabalhe com a turma na procura de soluções conjuntas.
- Tente abordar a família ou encarregados e encarregadas de educação prevenindo situações de isolamento e silenciamento no ambiente familiar.

O QUE NÃO DEVE FAZER

- Ignorar.
- Pensar que a criança poderá lidar sozinha com a situação, sem supervisão.
- Tentar resolver apenas os conflitos no momento em que ocorrem.
- Pedir à criança que é vítima de discriminação para testemunhar publicamente o que se passou.
- Questionar as crianças envolvidas em frente às outras crianças.

5

ONDE É QUE AS ESCOLAS PODEM PROCURAR APOIOS?



Os princípios aqui defendidos fazem parte da Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação do atual (XXI) Governo Constitucional. Neste plano estratégico incluem-se ações que visam combater os estereótipos de género em meio escolar. Para além de apoios governamentais integrados nesta Estratégia Nacional, existem organizações como o Instituto de Apoio à Criança – IAC e a Associação de Planeamento da Família – APF (ver o capítulo Recursos) que têm entre as suas prioridades estratégicas apoiar escolas com projetos ligados à inclusão da diversidade de género. Para apoio às famílias, as escolas poderão recorrer à Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual – AMPLOS.

Para esclarecimento da comunidade escolar sobre expressão de género, identidade de género e orientação sexual, as associações AMPLOS, IAC – Instituto de Apoio à Criança, APF – Associação para o Planeamento da Família, ILGA Portugal e rede Ex Aequo organizam regularmente ações especialmente direcionadas para comunidades escolares.

GLOSSÁRIO

Expressões de género · Comportamentos, atividades e atitudes que são atribuídos ao género masculino ou feminino.

Papéis de género · Conjunto de regras que uma sociedade define para o género masculino ou feminino: forma de vestir, comportamento, pensamentos, forma de se relacionar. Cada cultura e contexto social tem “definidos” os seus papéis de género, que mudam ao longo do tempo e podem ser impulsionados por decisões políticas.

Identidade de género · Sentimento íntimo de ser do género feminino (mulher/rapariga), do género masculino (homem/rapaz), dos dois ou de nenhum independentemente do sexo atribuído à nascença.

Sexo · Refere-se às diferenças entre homens e mulheres do ponto de vista biológico e fisiológico.

Transgénero · Alguém que não corresponde às convenções sociais e categorias tradicionais de género associadas ao sexo atribuído à nascença.

Transexual · Alguém que sente pertencer ao género “oposto” ao sexo atribuído à nascença. Algumas pessoas transexuais desejam mudar o seu corpo através de tratamentos e/ou cirurgias, mas nem todas.

Trans · Forma abreviada de referir as pessoas com identidades e/ou expressões de género fora das convencionais.

Transição social de género · Apresentação pública do género autoatribuído quando este não corresponde ao sexo atribuído à nascença.

Orientação sexual · Refere-se ao que cada pessoa pensa e sente sobre si própria e sobre a sua afetividade e sexualidade e por quem se sente atraído afetiva e sexualmente. Uma pessoa é considerada:

- **heterossexual** se se sente sobretudo atraída por pessoas de género diferente;
- **homossexual** se se sente sobretudo atraída por pessoas do mesmo género;
- **bissexual** se se sente atraída por pessoas de ambos os géneros;
- **lésbica** – designação atribuída a mulheres homossexuais;
- **gay** – designação dada a homens homossexuais.

RECURSOS

Na maior parte dos contos de fadas, bandas desenhadas, filmes e outros recursos infantis, aparecem histórias de meninos masculinos e meninas femininas, príncipes e princesas, etc. Estes materiais acabam por invisibilizar outras vivências e criam um imaginário nas crianças (e também nas pessoas adultas) onde existe apenas uma forma de ser. Por tudo isto, seria importante que as escolas fossem capazes de introduzir referências de diversidade nos materiais e jogos lúdicos, por exemplo, para que estas crianças não se sintam sozinhas e incompreendidas. Para que elas possam ver que há outras crianças como elas que são felizes e que estão bem, e que há outros modelos com os quais se podem identificar.

Podem utilizar-se diferentes recursos, como livros infantis, filmes ou desenhos animados que contam histórias de crianças com comportamentos de género não normativos.

Seguem alguns recursos que as escolas poderão utilizar:

Recursos para uso escolar

- **Planeta Koloro** – Chrysallis / 1º, 2º e 3º anos do 1º ciclo
<https://chrysallis.org.es/wp-content/uploads/2018/07/1%C2%BA-2%C2%BA-y-3%C2%BA-primaria-Chrysallis.pdf>
- **Cómo Soy? Quién Soy?** – Chrysallis / Pré-escolar
<https://chrysallis.org.es/wp-content/uploads/2018/07/infantil-Chrysallis.pdf>
- **Cultivating Respect: Safe Schools for All** – PFLAG
<https://pflag.org/cultivating-respect-safe-schools-all>
- **Rights, Respect, Responsibility: A K-12 Sexuality Education Curriculum** – GLSEN
<https://advocatesforyouth.org/wp-content/uploads/2018/10/teachers-guide-1.pdf>

Livros

- **Os Vestidos do Tiago** (apenas disponível online), Joana Estrela
- **O Livro do Pedro**, Manuela Bacelar / Editora: Edições Afrontamento
- **A Minha Família É a Melhor do Mundo. E a Tua?**, Joana Miranda e Sofia Neves
Editora: Fonte da Palavra.
- **Teodorico e as Mães Cegonhas**, Ana Zanatti / Editora: Objectiva
- **Três com Tango**, Justin Richardson, Peter Parnell e Henry Cole (ilustração)
Editora: Kalandra
- **A Vila das Cores**, Bruno Magina e ilustração Carolina Figueira
- **Ser Quem Sou**, Margarida Fonseca Santos / Editora: Booksmile

Vídeos

- Niños Rosados y Ninãs Azules
· https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=WfBuMoSJsTo
- Nacimiento de la Luciernaga
· https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=CVwDulxOUzY
- Campanha U Supermarket
· <https://www.youtube.com/watch?v=R9qzoBDBg1Q>
- How to Be a Girl (Como Ser Una Niña)
· <https://vimeo.com/135826338>

Apoios institucionais

ESTRATÉGIA NACIONAL PARA A IGUALDADE E NÃO DISCRIMINAÇÃO

<https://dre.pt/application/conteudo/115360036>

IAC

Instituto de Apoio à Criança

Tem por objetivo principal contribuir para o desenvolvimento integral da criança, na defesa e promoção dos seus direitos, sendo a criança encarada na sua globalidade como sujeito de direitos, na família, na escola, na saúde, na segurança social ou nos seus tempos livres.

O IAC tem uma formação específica para profissionais de educação denominada “Deixem os brinquedos em paz, não são de rapariga nem de rapaz!”, que poderá ser solicitada por qualquer escola do País.

APF

Associação para o Planeamento da Família

A APF tem como missão ajudar as pessoas a fazerem escolhas livres e conscientes na sua vida sexual e reprodutiva e promover a parentalidade positiva.

AMPLOS

Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e de Identidade de Género

Propõe-se desenvolver ações que fomentem o respeito pela diversidade de orientação sexual e identidade de género; programas de informação e de apoio a mães, pais e familiares de pessoas LGBTI; programas de participação cidadã pelas causas LGBTI; ações tendentes à eliminação de obstáculos de ordem jurídica que limitem a igualdade de direitos de pessoas LGBTI; ações de aconselhamento dirigidas a mães e pais e familiares e conducentes à aceitação e integração, de pessoas LGBTI, na família e na sociedade, assim como em ambiente laboral, comunitário e escolar.

Ainda:

Associação ILGA Portugal

É a maior e mais antiga associação de defesa dos direitos de lésbicas, *gays*, bissexuais, trans e intersexo (LGBTI) em Portugal. Pode falar-se especificamente do programa “It takes all kinds”, “Tod@s Somos Preci@s”

Rede Ex Aequo

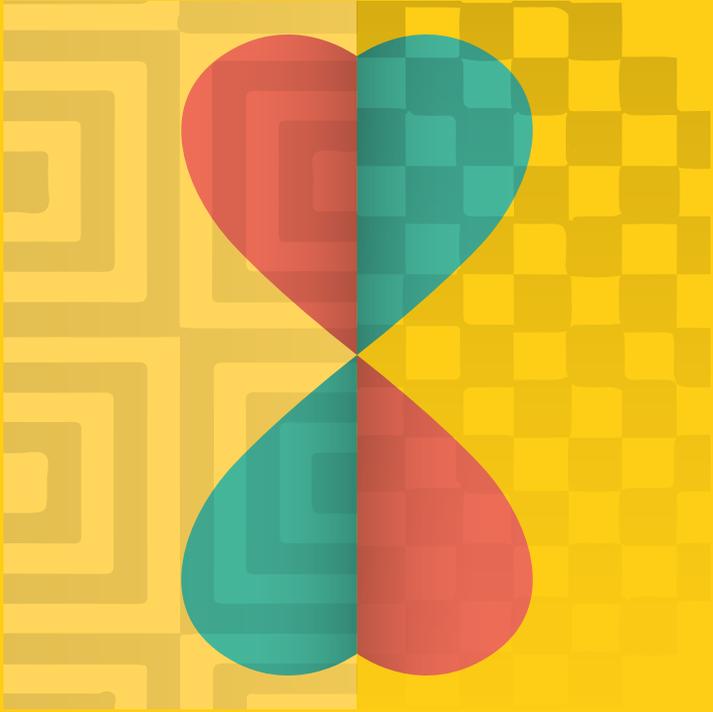
A Rede Ex Aequo é uma associação de jovens lésbicas, *gays*, bissexuais, trans e intersexo, e simpatizantes, com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos.

Casa Qui

É uma associação de solidariedade social especializada nas questões da igualdade de género, orientação sexual e identidade ou expressão de género.

Associação Plano I

A Associação Plano I é uma organização sem fins lucrativos cuja missão é a promoção da igualdade e da inclusão.





ASSOCIAÇÃO DE MÃES E PAIS
PELA LIBERDADE DE ORIENTAÇÃO SEXUAL
E IDENTIDADE DE GÊNERO



Instituto de Apoio à Criança



Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros